

# TARUMÃ

POEMA-CANÇÃO

3ª EDIÇÃO



de

Ilustração de  
GETÚLIO ALHO

ÁUREO  
NONATO

COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO  
DO TEATRO AMAZONAS  
(1896 - 1996)

# TARUMÃ

Poema-Canção de  
ÁUREO  
NONATO

580-39592

-4172-

## A LENDA

Segundo o etnólogo e folclorista Mário Ypiranga Monteiro, a lenda amazônica da árvore do tarumã conta-se assim: um índio, apaixonado pelos encantos de uma Yara, é atraído até a beira do rio Tarumã, onde lhe aparecia a bem amada, e é pela mesma transformado numa árvore: *poe fim, tomba vencido... de noite, é um tronco murcho descendo o rio. De dia, reverdece e volta ao local do encantamento.* - A **CACHOEIRA GRANDE DO TARUMÃ** - formada pelas águas do rio Tarumã - tradicional e famoso ponto de atração turística do Amazonas, está nos arredores da capital amazônica.

— I —

Solista:

Tarumã, Tarumã...

Água rolando,

Sem parar...

(Côro: Tarumã, Tarumã, Tarumã.)

Solista:

A minha vida,

Tarumã!

É igual a tua,

Tarumã!

Amando,

Amando,

Sem parar...

(Côro: Tarumã, Tarumã, Tarumã)

— II —

(Côro: Tarumã, Tarumã!

Tarumã, Tarumã!)

Obs.: Antes da entrada do CÔRO, começam batidas de tambores índios, em ritual de festa. Terminam juntos, CÔRO e tambores.

Solista:

Ah! Tarumã...

Em tuas águas,

Há encanto e amor,

Alegria e dor.

(Côro: A minha vida, Tarumã,  
É igual à tua, Tarumã...)

Solista:

Tua lenda diz

Que um tronco

Vai rolando,

Vem correndo...

(Côro: Noite e dia,

Dia e noite,

Noite e dia.)

Solista:

Sem parar...

(Côro: Rio acima,

Rio abaixo,

Rio acima.)

Solista:

Sem parar...

Envelhecendo de noite,

Reflorindo de manhã...

(Côro: A minha vida, Tarumã,

É igual à tua, Tarumã...)

Solista:

Amando, amando,

Sem parar...

(Côro: Tarumã, Tarumã, Tarumã...)

## DADOS BIOGRÁFICOS

Áureo Nonato é um amazonense que, seja como jornalista, poeta ou compositor, sempre proclama, em toda a sua obra, um entranhado amor pela terra em que nasceu. É o autor do já célebre (inclusive internacionalmente) poema-canção "Tarumã", da canção "Manaus" (a canção oficial da cidade) e do livro *Os Bucleiros*, premiado pela Academia Brasileira de Letras.

No Rio, desde a sua juventude, ao lado de Ana Amélia, na casa do Estudante, e de Paschoal Carlos Magno, no Teatro do Estudante, tornou-se um nome identificado em todos os círculos intelectuais, artístico e sociais. E foram inúmeros os escritores a escrever sobre ele, crônicas inteiras como as que lhe dedicou Nelson Rodrigues e Henrique Pongetti, para só ficar nesses dois

AmM 1194

# LENDA TARUMÃ EM POEMA-CANÇÃO

O neoromantismo de um imaginoso compositor, dos bem nossos, acaba de plasmear os encantos de uma doce lenda "tarumã" nos segredos da composição estética. Embalado no canto infinito da cachoeira lendária e no ímpeto aluvial de suas águas rumo à foz do rio de lindas praias alvas e íntimos racontos fluviais, nosso conterrâneo Aureo Nonato explicou em forma de beleza, explicou em música e nas estrofes de um poema, a estória meiga da lara na sedução de jovem Índio apaixonado.

Não sei de recanto mais doce de mistérios, nem de selvas e águas mais cheias de líricas credices, que êsses da Cachoeira e do Rio dos Tarumãs, escolhidos pelo artista amazonense para a motivação de seu mais recente poema - canção. Nem sei de lenda mais embaladora, nem de fonte de ternura e poesia mais grata ao coração, que essa da lara, na foz do Tarumã, "os olhos verdes", "os cabelos como se fossem de ouro, presos por flôres de mururé, a cantar, a cantar... como nunca ouvi cantar assim", - no deslumbramento de "um môço tapuio, filho do tuxaua da taba dos Manaus, o mais lindo de todos os môços da sua tribo", segundo a versão do Cônego Francisco Bernardino de Souza, nas suas "Lembranças e curiosidades do Vale do Amazonas".

"Mãe!, eu a vi... Eu a vi, mãe, boiando em flor como os nenúfares nas águas do igarapé. É linda como a lua, nas noites mais claras. Eu a vi, mãe! Seus cabelos têm a côr das flôres do pau d'arco e o brilho do sol; suas faces tiraram o rosado das penas da colheira e das flôres da sapucaia. Os passarinhos que mais cantam não cantam como ela. Mãe, ela é formosa como nenhum homem da taba do Grande Rio jamais viu nem verá. Ela cantava e, à sua voz, a própria cachoeira do Tarumã cessou de roncá e parou, de certo por ouvi-la. Ela olhou para mim, oh! mãe, e estendeu-me os braços. Depois, repartiram-se as águas e ela desceu para a sua casa, que foi esquecida lá no fundo pelo céu, num tempo muito longe, quando o céu se estendia como embaixo de nós a campina matizada de flôres, antes de subir e de arquear, sôbre as nossas cabeças, a sua concha estrelada! Mãe, eu quero vê-la mais; eu quero ouvir ainda o seu canto!... - assim se deixara fascinar Jaguarari, o filho do tuxaua dos Manaus, "helo como as frescas manhãs de sol nas águas do Grande Rio", segundo uma das versões colhidas por José Coutinho de Oliveira, em seu livro "Lendas Amazônicas".

Rio de águas pesadas, de um azul fechado em seus mistérios e em seus mitos avoengos, as ondas que embalam o Tarumã, ao sôpro dos alísios inconstantes, contam que viram desbravadores retorcendo igarapés e rasgando florestas, fendendo colinas, doando feras e matando homens bronzeados, no âfã de ferir nas veias o corpo virgem da terra, para as sangrias dos óleos, das resinas e das seivas. Lá mais acima, a Cachoeira do Tarumãzinho é um véu de noiva desfraldado para o abismo, um tule muito alvo no aceno vagamente panteísta em que a lara deixou perpetuado o seu poder de encantação. Quantos visitam a linda região, subindo o rio, por entre as praias alvacentas, ou aspirando o aroma acídulo das resinas pelas estradas que vão da Ponta Negra ou da BR-17, - quantos se banham em suas praias e cascatas, ou deitam o olhar em suas paisagens, sentem logo o "sorriso da lara" em seu enlévo, aquilo que está no arrebatamento emocional das coisas que mais nos inspiram amor e admiração.

Aureo Nonato deve ter doirado nesse espanto da natureza amazônica a sua delicada sensibilidade de artista, para assim poder compor o poema-canção. As flôres lilases do mururé, o véu de renda da cascata, as ondas persuasivas do rio, a paisagem, os pássaros e aquela soberba inconsciência das forças da natureza, tudo está transformado em música, em ritmo, em símbolo e versos de fúlgido lirismo, na magistral composição. A lenda, muito nossa, da paixão de um jovem Índio dos Manaus pela formosura da lara, que o encanta em árvore às margens da Cachoeira Grande do Rio Tarumã, ali está em toda a sua beleza e em toda a substância da alma tapuia, dando calor e sensibilidade à esquemática da partitura. Na singeleza do relato, que a sinfonia interpreta em forma enxuta de lirismo, o môço Índio manaus tem duas vidas: de noite, é um tronco morto descendo o rio; de dia, reverdece e retoma a sua origem por força do amor e dos poderes da lara.

E é assim que o talentoso compositor se coloca, ou coloca sua vida, - as imagens felizes ou infelizes de seu espírito tribulado de saudades e recordações, - nestas belas estrofes da canção: "Minha vida é igual à tua, Tarumã. Amando, amando, sem parar./ Ah! Tarumã,/ em tuas águas/ há encanto e amor,/ alegria e dor./ Tua lenda diz/ que um tronco vai rolando,/ vem correndo sem parar.../ envelhecendo de noite/ refluindo de manhã./ Amando,/ amando./ Sem parar..."

Retorne aos seus, Aureo Nonato. Venha trazer para a sua taba os triunfos do seu espírito e as revelações de seu estro poético. "Tarumã" será canção bem nossa e ficará para sempre como a imagem sonora desta sua terra, como ficou a imagem lendária da doce lara que ele recanta em estrofes meigas musicalizadas. "Tarumã" terá poitada afetiva em nossos corações e, um dia, daqui, alçará para a glória e para a fama, como um ectoderna predestinado, a sua corola Augusta, na mais linda imagem floral de símbolo e ideiação.

-x-x-x-x-x-x-x-

Vai para um ano, com essas palavras assim saudei a composição de Aureo Nonato, com os acentos do afeto muito nosso, daqui dêste rodapé. O cancionista retornou à sua taba; e, lá, bem junto à Cachoeira do Tarumã, ao "chuá-chuá" das águas noivando lendas sobre as pedras, fêz cantar para nós, domingo último, com as vozes lindas do Coral "João Gomes Júnior", as preces múrmuras do poema-canção.

Chovia tanto naquela manhã, tanto era o intérimo murmurar da seiva plúvia no delírio nupcial da amorosa cascata, que até parecia a paisagem encharcada nos querer insinuar a metempsicose mítica da lara em Danae sob a chuva de ouro, no grande pecado redimido pela divina vontade sensual de Jupiter lascivo. E, na pauta dos três esquemas da insidiosa manhã hibernal, - o céu escuro, a água a correr e a passarada em silêncio no fundo da floresta. - só as vozes do Coral, multiplicando em gorgeios as belezas do poema-canção, acordavam na paisagem fria a alma da lenda que inspirou e comoveu Aureo Nonato.

(Texto de GENESINO BRAGA, da  
Academia Amazonense de Letras

Publicado in "Jornal do Comércio."

Manaus, 22/01/1967.

# TARUMÃ

**Lento**

**Solo e Coro**

**Piano**

**(Solo)**  
Tar-ru - mã Tar-ru -

**(Coro)**  
- mã - A gua ro - lan-do, ro - lan-do sem pa - rar Tar-ru - mã, Tar-ru - mã, Ta-ru - mã  
A mi-nha vi-da Tar-ru - mã é igual a tu - a Tar-ru - mã a - man-do a - man-do sem pa - rar Tar-ru -

**(Coro)**

**(Coro)**

(Coro)

mã, Ta-ru - mã, Ta-ru - mã Ta-ru - mã Ta-ru -

The first system of music features a vocal line with lyrics 'mã, Ta-ru - mã, Ta-ru - mã' and 'Ta-ru - mã Ta-ru -'. The piano accompaniment consists of chords and rhythmic patterns in the right hand, and a bass line in the left hand.

- mã Ta-ru - mã, Ta ru - mã

The second system continues the vocal line with lyrics '- mã' and 'Ta-ru - mã, Ta ru - mã'. The piano accompaniment continues with similar harmonic and rhythmic structures.

(Solo)

(Coro)

Ah! Ta-ru - mã em tu as a - guas ha en - con - to e o - mor a lag - rã e dor A minha

The third system begins with a solo vocal line marked '(Solo)' and lyrics 'Ah! Ta-ru - mã em tu as a - guas ha en - con - to e o - mor a lag - rã e dor A minha'. The piano accompaniment features a more active bass line and chordal accompaniment.

(Coro)

vide Ta-ru - mã igual a tu - a, Ta ru - mã tu a lendã diz que um tronco vai rolado sem correndo noite e

The fourth system continues with a solo vocal line marked '(Solo)' and lyrics 'vide Ta-ru - mã igual a tu - a, Ta ru - mã tu a lendã diz que um tronco vai rolado sem correndo noite e'. The piano accompaniment maintains its rhythmic and harmonic accompaniment.

(Solo) (Côro)

dia, dia e noite noites di-a sem pa-rar Rioa-cu-ma rio e baixo rio a-

(Solo) (Côrpo)

ci-ma sem pa-rar en-re-lhe cen-do de noi-te,

(Côro) (Solo)

re-flori-do de ma-nhã Ami-nha vida taru-mã e igual a tua taru-mã A-

(Côro)

-mando a-mando sem pa-rar Ta-ru-mã, Ta-ru-mã, Ta-ru-mã

Este poema-canção teve o seu lançamento, em Manaus, no dia 22 de janeiro de 1967, numa manhã de domingo, às margens da Cachoeira Grande do Tarumã, em ato público, com a declaração do mesmo pelo próprio autor; e está incluído num catálogo internacional de música sobre folclore, editado pela Pan American Union, órgão cultural da OEA, com sede em Washington. No Brasil, foi publicado, em São Paulo, pela "Edições Arquimedes", e apresentado inúmeras vezes na televisão brasileira, pelo Coral Abelardo Magalhães; na Sala Cecília Meireles, pelo Conjunto Folclórico Brasileiro; no Teatro Amazonas, o baixo-cantante Abelardo Magalhães; figurando ainda no repertório de importantes corais brasileiros como o coral de Cadetes da Academia da Força Aérea, o Coral da Universidade Gama Filho, o Coral do Colégio Pedro II - Externato, Coral do Clube Ginástico Português e outros.

Endereço do Autor:  
Cx. Postal nº 1394  
CEP. 69000 - Manaus/Am.



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA